

Introdução

Folhear as páginas dos jornais diários é um hábito cultivado por uma grande parcela da população. Crescemos vendo nossos pais lerem determinado jornal, nossos professores os utilizarem como material de apoio em aula, aprendemos a apreciar e acabamos desenvolvendo o hábito de ler um, ou vários, jornais todos os dias. Porém, raramente pensamos em como surgiram os jornais. Será que eles sempre foram assim como hoje os conhecemos?

Ciro Marcondes Filho, no livro *Jornalismo. A saga dos cães perdidos apresenta* uma classificação histórica das fases pelas quais passou o jornalismo impresso. Segundo ele, no início, os jornais eram como cartas, escritas a mão e passadas de pessoa a pessoa. O primeiro jornal impresso somente surgirá mais de um século depois dos tipos móveis de Gutenberg, e sua aparência era muito mais próxima a um livro do que a um jornal de hoje. Entre 1780 e 1880 serão fundados quase todos os grandes jornais, consequência direta das revoluções burguesas na Europa, transformando a informação de capital em mercadoria.

Informação é algo diferente do capital, que pode ficar armazenado à espera de uma rentabilidade ou valorização na razão direta da demanda, ela é, ao invés disso, uma mercadoria altamente perecível, que deve ser consumida rápida e integralmente. (Marcondes Filho, 2000, p.19)

As conquistas tecnológicas, principalmente a introdução da prensa rápida – utilizada primeiro pelo *Times* londrino, em 1814 – diminuíram o tempo entre a ocorrência de um fato e sua divulgação em um grande território. Porém, a tecnologia necessitava de um grande aporte de recursos, o que deixou os jornais da época em uma situação financeira difícil, já que os custos de produção não eram cobertos pelas vendas. Ainda assim, em 1833, surge o primeiro jornal de massas, o *Sun*. Esse tipo de jornal estava mais ligado ao fato, fazendo surgir o que hoje conhecemos como reportagem, e também a enquete e a entrevista.

Ao se tornar empresa, o jornal precisa gerar lucro, o que significa um maior investimento na melhoria de sua aparência. Nessa época, criam-se as manchetes, os destaques e as reportagens. Investe-se muito nas capas, logotipos e chamadas de primeira página. Também aumenta o volume publicitário e os redatores perdem espaço com o surgimento dos editores.

Durante o século XIX, surgem os grandes conglomerados de imprensa, que se transformam na única possibilidade de sobrevivência dos jornais no competitivo mundo da economia capitalista, onde se destacam as chamadas tiragens monstro (no período anterior e posterior à Primeira Guerra Mundial), como os 9,5 milhões de exemplares impressos na França em 1914, e os suplementos segmentados.

O século XX será profundamente marcado pela tecnologia. O surgimento da televisão, além de absorver grande parte da verba publicitária antes destinada aos jornais impressos, também influenciará a forma dos veículos, já que a informação passa a chegar mais rápido, além de a televisão dar uma sensação ao público de que ele é uma testemunha dos fatos, de que está presente no momento em que as coisas acontecem. Por volta de 1990, à imprensa escrita recebe outro golpe, o surgimento da Internet. Os leitores vão desenvolver novos hábitos e necessidades e, durante algum tempo, grande parte da verba publicitária será destinada a ela. A informação a partir deste momento será em tempo real, o leitor terá acesso aos fatos imediatamente, diferente do jornal impresso, onde é necessário esperar até o dia seguinte para se ler o que aconteceu. O impacto visual e a velocidade passam a ser os valores jornalísticos dominantes. Desta forma, os jornais impressos, na tentativa de se adequar às necessidades do leitor e de sobreviver à concorrência da televisão e da Internet, iniciam um processo de mudanças visuais e editoriais. No final do século XX várias reformas gráficas são realizadas com o intuito de conferir mais agilidade à transmissão da informação e também de tornar as páginas impressas mais atraentes ao leitor.

Porém, até que ponto todas essas transformações modificaram, ao longo do tempo, a relação dos leitores com os jornais impressos? Além disso, será que a inserção de elementos gráficos, cada vez mais constantes, nas páginas dos jornais impressos cria novos significados?

O objetivo deste trabalho é, apoiado na compreensão das transformações técnicas sofridas pelos jornais, identificar se os elementos gráficos, tão largamente utilizados nas páginas impressas dos diários, constroem narrativas que não serão simplesmente apoio, ou complemento ao texto escrito, mas, em muitos casos, narrativas autônomas, criando significados que estarão além das palavras contidas nas matérias jornalísticas.

Para isso, iniciamos nossa pesquisa procurando entender como o jornal se transformou de um quase livro no que conhecemos hoje. Através de uma análise das transformações tecnológicas e sociais procuramos traçar um breve histórico da evolução da formado jornal. O **Capítulo 1** percorre os primeiros jornais publicados em solo brasileiro, passando pela mudança no papel da imprensa na sociedade – que passa de educadora a informadora -, pelas revoluções tecnológicas e reformas gráficas, que, gradativamente, foram aumentando a informação não textual e criando páginas com informações mais atraentes ao leitor.

No **Capítulo 2**, desenvolvemos os dois conceitos centrais de nosso trabalho: o de narrativa gráfica e do de discurso. Já que uma bibliografia específica sobre o assunto é muito rara, quando não inexistente, foi necessário recorrer a outras áreas a fim de construir uma base teórica que sustentasse nossa análise. Para isso nos apoiamos nas teorias sobre a narrativa de Paul Ricoeur, em Roland Barthes e na semiótica, ao tratar das relações entre imagem e texto. A partir do que seria notícia para o jornalismo (definida por diversos autores), desenvolveremos o raciocínio de que o jornalismo não apenas utiliza os elementos gráficos para construir sua narrativa, como também esses elementos serão parte integrante da narrativa jornalística ao agregarem significados e sentidos importantes à mensagem jornalística.

Parece também necessário englobar o discurso em nossa investigação já que “o jornalismo é visto assim como um dispositivo que arquiteta o acontecimento com e no discurso, assegurando sua identificação” (Antunes, 2002, p.4). O mesmo pode ser dito em relação às escolhas gráficas de cada jornal: elas transmitem um discurso gráfico que é repleto de significações e mensagens sobrepostas ao discurso

escrito. Esse discurso gráfico é normatizado através do chamado projeto gráfico, conjunto de regras e determinações sobre como serão utilizados os elementos gráficos nas páginas dos jornais, e concretizado através da diagramação, momento em que as normas são aplicadas.

Como as páginas dos jornais são compostas por elementos textuais e não textuais, a relação entre texto e imagem também é analisada no **Capítulo 2**, privilegiando a definição de complementaridade entre ambos, como descrito por Santaella e Nöth (1997). Por fim, destacamos as formas pelas quais se dá a leitura de um jornal impresso, destacando as estratégias visuais de construção da página impressa.

A fim de testar nossa hipótese de que os elementos gráficos criariam narrativas gráficas, por vezes, descoladas das narrativas textuais, utilizamos como corpus de análise as capas dos cadernos de esporte dos jornais *O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil*, publicadas durante a Copa do Mundo 2006. Essa escolha se deu ao observarmos que, durante a competição, os jornais pareciam muito mais otimistas do que os torcedores e críticos especializados. Esse fato nos pareceu criar um ambiente favorável para nossa investigação, aliado ao fato de o futebol, e a Copa do Mundo em especial, serem eventos que mobilizam a imprensa como um todo e também a população, que acompanha os jogos, torce, sofre, se alegra e se decepciona com a equipe do Brasil. Alguns autores e comentaristas esportivos alegam, inclusive, que a Copa do Mundo é um dos únicos momentos em que a população tem orgulho em vestir as cores do país, de festejar o fato de ser brasileira.

No **Capítulo 3**, analisamos os três veículos em termos de suas linguagens visuais e projetos gráficos, e como a participação da Seleção Brasileira na competição foi enfocada, aplicando os conceitos de narrativa e discurso gráficos desenvolvidos no capítulo anterior.

Como nosso corpus tinha um volume grande de páginas (1.327 páginas dos três jornais) decidimos fazer um recorte, utilizando somente as capas dos cadernos publicadas nos dias dos jogos e nos seguintes às cinco partidas realizadas pela Seleção do Brasil, num total de 30 páginas analisadas.

Assim, no **Capítulo 4** faremos uma análise detalhada de cada página, procurando destacar em que momentos a narrativa gráfica era diferente ou ressaltava a narrativa textual. Além disso, um fato chamou atenção: ao tratar de assuntos desagradáveis, como a eliminação da Seleção Brasileira, foi recorrente, nos três jornais, o uso de imagens em detrimento do texto escrito. Esse fato levou também a uma observação das capas dos três jornais no dia seguinte à eliminação, o 2 de julho, com o objetivo de verificar se tal fato também se repetia.

O que observamos foi que, nos momentos mais dramáticos da Seleção na Copa 2006, os jornais optaram pela utilização de imagens para traduzir as emoções dos torcedores. Além disso, nos três jornais analisados, apenas observando títulos e imagens, em muitos momentos os discursos não coincidiam. Ou por que a imagem era muito mais otimista do que o título, ou por que, através das imagens era possível fazer uma crítica mais dura do que nos textos (que deixariam os jornais e jornalistas mais vulneráveis). Aqui é preciso ressaltar dois pontos: o primeiro é que o futebol é um esporte que não é lógico, nem sempre o melhor time em campo vence; e o segundo, é que no Brasil, na época da Copa do Mundo, somos aproximadamente 180 milhões de técnicos. Ou seja, cada brasileiro tem uma escalação, uma tática de jogo diferente, e todas elas podem ser as melhores, ou não. Em relação à imprensa a situação é bem mais delicada, não é apenas uma questão de torcida. Em 1994, na Copa do Mundo dos Estados Unidos, grande parte da imprensa brasileira dava como certa a derrota da Seleção e fomos campeões (ainda que muitos digam que foi uma questão de sorte). Sendo assim, é compreensível que tenha existido uma certa cautela nas críticas à Seleção de 2006, como foi verificado em nosso corpus. Em algumas páginas, só a observação cuidadosa foi capaz de identificar críticas mais ácidas em relação à atuação da seleção, e quase sempre, a parte gráfica foi a responsável por materializar essas críticas.

Desta forma, a hipótese inicial de nosso trabalho, de que os elementos gráficos são sim produtores de sentidos e significados, e criam narrativas autônomas das textuais, será desenvolvida através da análise de um corpus determinado e fundamentada em bases teóricas definidas.